ANTONIO JURACI SIQUEIRA E AS POTENCIALIDADES DA POESIA DE CORDEL COMO INSTRUMENTO DE MEDIAÇÃO ORAL DA LITERATURA

ANTONIO JURACI SIQUEIRA AND THE POTENTIALITIES OF CORDEL POETRY AS AN INSTRUMENT FOR THE ORAL MEDIATION OF LITERATURE

Fabrício Alves da Silva [1]
https://orcid.org/0000-0002-7015-4713
Sueli Bortolin [2]
https://orcid.org/0000-0001-7411-2716
João Arlindo dos Santo Neto [3]
https://orcid.org/0000-0003-1833-911X

RESUMO
O poeta paraense Antonio Juraci Siqueira transita entre múltiplas linguagens artísticas, com produção expressiva na literatura de cordel. Este artigo parte da atuação do cordelista para refletir sobre a mediação oral da literatura, com atenção às potencialidades do cordel como instância mediadora de textos literários. A mediação oral da literatura é compreendida como intervenção planejada ou espontânea, realizada por um mediador de leitura para aproximar leitores-ouvintes de textos literários. Esse conceito permite observar a atuação de Siqueira para além da autoria dos folhetos, incluindo os modos como o poeta declama, apresenta e faz circular sua produção. A pesquisa adota abordagem qualitativa e combina procedimentos bibliográficos e documentais. O levantamento bibliográfico reúne estudos sobre a vida e a obra de Siqueira, a literatura de cordel e a mediação oral da literatura; a análise documental, realizada no repositório digital Poronga, toma como fontes entrevistas, vídeos e folhetos. Os resultados indicam que, na obra e nas intervenções artísticas de Siqueira, o cordel se realiza como prática mediadora que articula voz, escrita, performance e tecnologias digitais. Em situações de apresentação pública e em ambientes digitais, a circulação da palavra poética mantém a tradição cordelista em movimento, amplia o alcance da produção do poeta e estabelece formas de interação com públicos diversos.

Palavras-Chave: Literatura de cordel; mediação oral da literatura; Antonio Juraci Siqueira.

Artigo submetido em 24/04/2025 e aceito para publicação em 30/12/2025.

[1] Doutorando em Ciência da Informação pelo PPGCI da Universidade Federal do Pará. E-mail: fabricio.ppgmc@gmail.com.
[2] Doutora e Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP/Marília). E-mail: suelibortolin@gmail.com.
[3] Doutor e Mestre em Ciência da Informação UNESP/Marília. Docente permanente do PPGCI da Universidade Federal do Pará. E-mail: santosneto@ufpa.br.

ABSTRACT
The Pará-born poet Antonio Juraci Siqueira moves across multiple artistic languages, with a significant body of work in cordel literature. This article analyzes his creative trajectory, with particular attention to the practices of oral mediation of literature that take shape in his work as a cordel poet. Oral mediation of literature is understood as a planned or spontaneous intervention carried out by a reading mediator in order to bring reader-listeners closer to literary texts. This concept makes it possible to examine Siqueira's work beyond the authorship of printed booklets, including the ways in which the poet recites, presents, and circulates his production. The research adopts a qualitative approach and combines bibliographic and documentary procedures. The bibliographic survey brings together studies on Siqueira's life and work, cordel literature, and the oral mediation of literature; the documentary analysis, conducted in the Poronga digital repository, draws on interviews, videos, and booklets as sources. The results indicate that, in Siqueira's work and artistic interventions, cordel operates as a mediating practice that brings together voice, writing, performance, and digital technologies. In situations of public presentation and in digital environments, the circulation of the poetic word keeps the cordel tradition in motion, broadens the reach of the poet's work, and establishes forms of interaction with diverse audiences.

Keywords: *Cordel literature. Oral mediation of literature.* Antonio Juraci Siqueira.

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) agrega conhecimentos de diferentes áreas para investigar as múltiplas dimensões do fenômeno informacional, entre elas as sociais, culturais, educativas e comunicacionais. (Bicalho; Oliveira, 2011). No diálogo com campos diversos, a Mediação da Informação permite examinar as relações entre sujeitos, saberes, dispositivos e processos de apropriação da informação (Santos Neto, 2019).

A mediação oral integra-se às discussões do campo informacional na medida em que compreende a informação como uma construção resultante das relações entre sujeitos, marcada por experiências sociais e por repertórios simbólicos que orientam leituras de mundo. As mediações orais da informação, da leitura e da literatura aproximam sujeitos, textos, vozes e experiências, fortalecendo vínculos socioculturais (Bortolin; Almeida Júnior, 2010; Bortolin; Santos Neto, 2023; Gomes, 2020).

A literatura de cordel brasileira é uma manifestação cultural cuja tradição se realiza na conjunção entre voz e letra. Para Zumthor (1993, p. 45), a poesia vocal é a "palavra gesticulada dos poetas", noção que desloca o poema dos limites da escrita para sua realização na voz e no corpo. Desde a década de 1980, pesquisas brasileiras em CI dedicam-se ao cordel, concentrando-se sobretudo na representação da

informação, na preservação documental e na garantia de acesso a coleções especializadas (Cardoso; Miguel, 2021; Silva; Figueiredo, 2022).

Foi no exercício de escutar, coletar, recriar e recontar que Antonio Juraci Siqueira se fez tapeceiro da palavra, hábil no manejo da escrita e da voz. Nascido e criado em Cajari, município de Afuá (PA), no arquipélago do Marajó, Juraci alimentava, ainda menino, o sonho de percorrer rios e mares na canoa que um dia herdaria do pai. Sua trajetória tomou outro rumo quando o encontro com a arte do cordel o conduziu às águas da poesia. Nessa direção, este artigo propõe trazer a voz do cordelista para o centro do debate. Para além dos folhetos publicados, interessa compreender sua dicção poética e o modo como corpo e voz integram a mediação de sua poesia em diferentes situações de oralidade.

Formado em Filosofia pela Universidade Federal do Pará, Juraci construiu uma trajetória marcada pela docência, pela escrita e pela atuação em diferentes espaços da vida cultural paraense. Sua participação em entidades literárias, bem como sua colaboração em jornais, revistas e outros veículos editoriais de Belém, coloca sua obra em interlocução com os circuitos intelectuais e artísticos da cidade. Na literatura de cordel, sua produção elabora um universo poético atento às singularidades amazônicas, às experiências do cotidiano e aos repertórios da tradição oral.

O estudo da obra de Antonio Juraci Siqueira permite compreender as articulações entre escrita e oralidade que caracterizam a tradição cordelista. Tais articulações manifestam-se na voz, no folheto, nos registros audiovisuais e no ciberespaço. Sob essa perspectiva, a poesia de cordel mostra-se uma potente instância mediadora da literatura, favorecendo a circulação de narrativas, saberes e referências culturais entre diferentes sujeitos, tempos e espaços.

Embora o cordel reúna diferentes linguagens e formas de expressão, a literatura biblioteconômica frequentemente o toma como sinônimo de folheto. Para além do documento, o cordel simboliza e ressignifica a identidade e a memória cultural brasileiras, articulando mídias impressas, sonoras, imagéticas e digitais. Na literatura da CI, essa discussão aparece associada à Representação Temática da Informação, cujos pressupostos subsidiam o tratamento do conteúdo informacional dos cordéis. (Cardoso; Miguel, 2021)

Bortolin e Santos Neto (2023) observam que a Biblioteconomia, ao longo de sua trajetória, privilegiou a mediação de documentos escritos. Para as autorias, os documentos impressos e digitais não devem ser tomados como as únicas vias de apropriação da informação, da leitura e da literatura. Por isso, defendem a inserção da mediação oral nas discussões biblioteconômicas, considerando seu potencial para qualificar práticas profissionais e favorecer a constituição de acervos plurais em diferentes unidades de informação.

Sob a ótica da mediação oral da literatura, indaga-se: como se caracteriza a atuação de Antonio Juraci Siqueira enquanto cordelista? O objetivo desta pesquisa consiste em refletir sobre a mediação oral da literatura a partir da atuação do poeta, evidenciando as potencialidades do cordel como instância mediadora de textos literários.

A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e documental, de natureza qualitativa. A investigação bibliográfica reuniu estudos voltados à compreensão da trajetória de Antonio Juraci Siqueira e das potencialidades da literatura de cordel como um instrumento de mediação oral da literatura. Na pesquisa documental, utilizou-se a coleção *Antonio Juraci Siqueira*, disponível no *Poronga: repositório de cordéis do Pará*,[2] tomando-a como *corpus* para compreender a atuação do poeta na cena do cordel paraense.

A análise fundamentou-se ainda em três entrevistas produzidas por meio do método da História Oral com os cordelistas paraenses Francisco Mendes (Entrevista com cordelista, 1, 2022), Antonio Juraci Siqueira (Entrevista com cordelista, 4, 2022) e Jaddson Luiz (Entrevista com cordelista, 8, 2022), todas disponibilizadas em formato de podcast no repositório Poronga. Como fontes complementares, recorreu-se ainda a vídeos e folhetos do poeta, igualmente disponíveis no repositório digital.

O artigo parte da discussão referente à inserção da literatura de cordel no território paraense e examina o encontro entre a tradição oral amazônica e a herança dos cantadores nordestinos que migraram para a Região Norte. Em seguida, apresenta a trajetória de Antonio Juraci Siqueira, dos primeiros contatos com os folhetos na infância à sua consagração como um dos principais cordelistas do Norte

[2] O repositório Poronga reúne, em suas coleções, folhetos, fotografias, entrevistas e registros documentais sobre as trajetórias de cordelistas atuantes no estado do Pará. Disponível em: https://porongacordel.omeka.net.

do Brasil. As seções finais discutem sua atuação como poeta das ruas e suas práticas de mediação oral da literatura, observando o diálogo entre poesia e cotidiano urbano, a leitura pública dos folhetos, a voz e o uso das redes sociais on-line na circulação do cordel e na aproximação com diferentes públicos.

2 CORDEL E ORALIDADE NO PARÁ

Embora a origem da literatura de cordel brasileira seja objeto de disputas teóricas, este estudo a compreende como uma poética que tomou forma na Região Nordeste, entre o século XIX e as primeiras décadas do século XX, em estreita relação com a tradição oral. Abreu (1997), em seu estudo clássico, destaca que o cordel brasileiro possui uma matriz anterior à impressão dos folhetos: as cantorias. Realizadas em espaços públicos desde o final do século XIX, essas apresentações eram protagonizadas por cantadores que, acompanhados de violas e rabecas, desenvolviam narrativas rimadas a partir de um mote.

Silva (2022), fundamentado no pensamento de Bakhtin, concebe o cordel como um gênero discursivo que se manifesta tanto na oralidade quanto na escrita. O autor evidencia a natureza dialógica do cordel, caracterizando-o como um enunciado concreto que, para além de refletir o estilo e a singularidade do cordelista, como um falante que escreve, também dialoga com a realidade social que o poeta compartilha com seu público leitor-ouvinte.

Em razão dos diferentes ciclos migratórios vivenciados pela população nordestina ao longo da história, a literatura de cordel difundiu-se por diferentes regiões do país, dialogando com a diversidade cultural que caracteriza o Brasil. O modelo nordestino foi assimilado e ressignificado por poetas e ouvintes, que passaram a narrar e recontar histórias atravessadas pelas experiências cotidianas de seus territórios.

O contato entre os cantadores nordestinos e os naturais da Amazônia era intenso. Em sua análise, o antropólogo paraense Vicente Salles (1985) descreve os desafios travados por trabalhadores ao longo da estrada de ferro que ligava Belém a Bragança. Dessas pelejas resultaram formas híbridas de produção, os poetas

paraenses assimilaram o modelo nordestino e passaram a incorporar temas, paisagens e experiências amazônicas às suas obras.

Um exemplo desse trânsito é a canção *Marat Sá*, interpretada pela cantora e compositora pernambucana Midian Nascimento, da qual se destaca o verso “teu destino me enlaça em Belém do Pará”. A canção narra a história de um cantador viajante que percorre o Brasil em busca de sua identidade e que, ao passar por Belém, descobre-se atado pelo destino à missão de cantar, com devoção, as belezas de sua terra. A letra da música ilustra os fluxos migratórios dos cantadores nordestinos e as interações criativas estabelecidas com a Região Norte.

Com os ecos da canção citada, introduz-se a história de Antônio Gonçalves da Silva, narrada por Portella (2006). Apaixonado pelas leituras coletivas de folhetos, o rapaz compra sua primeira viola aos 16 anos e, três anos depois, torna-se cantador. Levado por um parente a Belém, trava inúmeros desafios nas colônias de nordestinos ao longo da ferrovia Belém-Bragança. Foi também na capital paraense que o jornalista cratense José Carvalho de Brito lhe atribuiu a alcunha que remete ao nome de uma ave hoje ameaçada de extinção: Patativa [do Assaré], um dos nomes mais representativos da poesia popular brasileira.

Menezes Neto (2012), por sua vez, narra a trajetória de Francisco Rodrigues Lopes, paraibano nascido em 1878 que viveu por mais de quatro décadas em Belém, onde faleceu em 1946. Operário gráfico, aproximou-se do universo da impressão de folhetos em um contexto de modernização da indústria jornalística, que tornou obsoletas as antigas máquinas tipográficas e as colocou ao alcance de pequenos empreendedores. Em 1914, Francisco adquiriu uma dessas máquinas e fundou a Editora Guajarina, marco da produção editorial de literatura de cordel no Pará.

A influência da Guajarina, conforme Salles (1971), era tão abrangente que seus folhetos estavam disponíveis para compra em várias cidades, incluindo Manaus (Amazonas), Rio Branco e Xapuri (Acre), Santarém, Marabá (Pará), São Luís, Caxias, Amarante e Icatu (Maranhão), Teresina e Parnaíba (Piauí), Fortaleza e Juazeiro (Ceará), Natal (Rio Grande do Norte) e Campina Grande (Paraíba).

A relevância histórica do Pará como polo difusor da literatura de cordel não se refletiu na constituição da historiografia científica da poética. Menezes Neto (2012) observa que as pesquisas do estudioso francês Raymond Cantel contribuíram para

instituir um cânone do cordel centrado na tradição nordestina, relegando a posições periféricas produções vinculadas a outras experiências culturais, entre elas a amazônica.

Siqueira (2012) explica que a expansão da literatura de cordel na Região Norte esteve vinculada aos fluxos migratórios nordestinos, organizados em três fases correspondentes aos ciclos econômicos da borracha, do peonato e da mineração. Esses deslocamentos favoreceram a difusão do cordel por toda a Amazônia, onde a poesia passou a integrar as formas de comunicação e expressão cultural das comunidades migrantes. No contato com a Amazônia, as narrativas e tradições nordestinas entrelaçaram-se a elementos culturais do território, dando origem a uma produção híbrida, atravessada por temas, vozes e distintos modos de criar.

A cultura amazônica distingue-se pela riqueza de tradições, conhecimentos transmitidos entre gerações e narrativas que atravessam o tempo. Essa diversidade resulta da complexa interação entre a floresta, os rios e os diferentes grupos que historicamente ocuparam a região. Paes Loureiro (2015) observa que, até o final da década de 1950, a Amazônia, marcada pelo isolamento geográfico em relação a outras regiões do Brasil, desenvolveu formas de vida fortemente vinculadas à natureza. Agricultores, seringueiros, fazendeiros, comerciantes e artesãos, dependentes dos recursos da floresta e dos rios, contribuíram para a configuração desse universo cultural plural.

Muito antes da presença portuguesa, a Amazônia já abrigava uma complexa diversidade linguística e cultural. Bessa Freire (2003) observa que, no século XVI, não havia falantes de língua portuguesa na região. Em seu lugar, coexistiam cerca de 700 línguas indígenas ágrafas, portadoras de conhecimentos, técnicas e manifestações artísticas transmitidas oralmente por meio de diferentes narrativas. A língua portuguesa permaneceu restrita à esfera administrativa, por não dispor de recursos suficientes para representar a complexa realidade cultural e ambiental da região.

Fonseca e Cruz (2020) analisam o *Diretório dos Índios*, instituído em 1757 pelo Marquês de Pombal. O documento regulamentava aspectos relativos à definição de fronteiras, à distribuição de terras e às relações entre colonizadores e indígenas, sob o propósito de “civilizar” os povos originários. Entre suas principais medidas, estava a imposição da língua portuguesa como instrumento de integração. Segundo as

autoras, essa política linguística contribuiu para o apagamento de línguas indígenas, entre elas a Língua Geral Amazônica (Nheengatu), que por cerca de 250 anos foi o principal meio de comunicação entre os nortistas.

Ciente desses apagamentos da tradição oral amazônica, Juraci faz da escuta um princípio de criação. Em suas andanças por diferentes localidades do norte do Brasil, recolhe histórias, narrativas, fatos históricos e vivências da população amazônica, reelaborando-os em sua poesia sem romper os vínculos com as vozes originárias. Assim, seus versos passam a abrigar histórias e vozes que, reelaboradas por sua dicção poética, continuam a circular.

3 JURACI SIQUEIRA, O POETA CANOEIRO

A trajetória de Antonio Juraci Siqueira na literatura de cordel é marcada por seu compromisso com a difusão desse gênero literário. Ao longo de sua carreira, o poeta tem atuado na promoção da leitura e na valorização do cordel, projetando sua produção para além do Pará e alcançando reconhecimento em diferentes regiões do Brasil. Sua obra, associada à força de sua presença como narrador e declamador, aproxima públicos diversos da poesia, seja em escolas e feiras, seja em eventos culturais de alcance regional e nacional.

A entrevista disponibilizada no Repositório Poronga permite acompanhar as experiências familiares que aproximaram Juraci Siqueira dos folhetos de cordel, favorecendo sua relação com a poesia e com a arte de narrar:

> *Eu nasci e vivi às margens do rio Cajari, no município de Afuá, contracosta do Marajó, até os dezesseis anos. Eu perdi o meu pai aos quatro anos e minha mãe casou-se pela segunda vez com um senhor. Meu pai era encarregado de uma canoa no Cajari e esse senhor ocupou o lugar dele na canoa e no coração da mamãe. Esse senhor, José Oliveira, comprava folhetos no tablado do Ver-o-Peso e levava pro interior* [...]. *Eu lia esses folhetos pra parente, pra vizinho. Eu lia tanto que muitos desses folhetos até hoje eu sei praticamente de cor* [...]. *Sei praticamente todos, justamente por essa constância de ler. Eu tinha um avô também nordestino, cearense, ele não era cordelista, mas cantava histórias em cordel* (Entrevista com cordelista, 4, 2022).

O relato de Juraci Siqueira evidencia uma característica basilar do cordel: sua facilidade de se alojar na memória pela força do ritmo, da repetição e da voz. Cavignac

(2006) ajuda a compreender esse movimento ao mostrar que, embora impresso, o cordel frequentemente se transmite pela oralidade. O folheto pode ser comprado, lido em voz alta por outro, memorizado, emprestado, trocado ou doado. Sua permanência não depende apenas da conservação do objeto, mas da circulação das histórias, de sua apropriação pelos ouvintes e de sua recriação diante de novos públicos.

Juraci também relembrou suas primeiras publicações em jornais circulantes no Pará:

> *Eu acho que começou de 1980 pra cá. Em 13 de fevereiro de 1980,* [...] *eu publiquei na Província do Pará, o 'Chupa-chupa', que era em quadra, uma sátira. E a partir daí, em 81, eu comecei a escrever no PQP. O 'Jornal Pra Quem Pode' era um jornal do Mário Sobral, de pornô humorístico, lá era só da pesada mesmo. Lá eu comecei fazendo a* [coluna] *'Rima rica' e depois ele me deu uma página, a Juraci Park* (Entrevista com cordelista, 4, 2022).

Essas primeiras publicações em jornais paraenses ajudam a compreender a formação de uma voz poética marcada pelo humor, pela sátira e pela irreverência. Nelas, Juraci Siqueira experimenta formas de expressão que dialogam com a crônica, a paródia e a crítica dos costumes, ao mesmo tempo que passa a ocupar com maior regularidade os circuitos literários e culturais do Pará.

O trabalho dos cordelistas ainda enfrenta leituras preconceituosas que o reduzem a um gênero paraliterário, em parte por sua vinculação à tradição oral. Bruna de Lucena (2010) observa que, no meio acadêmico, essa poética tem sido associada ao folclore, ao exotismo e à produção de sujeitos subalternos, muitas vezes avaliados mais por sua origem social do que pela força estética de sua criação. Para a autora, a crítica deveria deslocar o olhar desses enquadramentos hierarquizantes para a qualidade artística da poesia produzida pelos cordelistas.

A falta de reconhecimento dos poetas ligados ao cordel revela hierarquias persistentes no campo literário, especialmente quando essa produção é lida como expressão menor ou periférica. No Pará, essa tensão ganhou evidência em 2011, quando Antonio Juraci Siqueira concorreu à cadeira 32 da Academia Paraense de Letras (APL), por indicação das famílias de Bruno de Menezes e Alonso Rocha, seus últimos ocupantes. A eleição, realizada em 22 de junho daquele ano, não confirmou o ingresso do poeta na instituição, provocando perplexidade entre escritores e amigos que contestaram publicamente os critérios adotados pela APL.

Após o episódio, Siqueira (2011) reuniu em folheto alguns dos textos de solidariedade e crítica recebidos em razão de sua não eleição. Intitulado *Descom/Postura Acadêmica*, o impresso retoma, em chave irônica, a expressão "postura acadêmica", usada por Ubiratan de Aguiar ao tratar dos requisitos esperados para ingresso na APL. Entre os textos selecionados pelo poeta, destaca-se o *Breve bilhete ao Poeta*, de Raymundo Mário Sobral, escritor, editor e jornalista, publicado na página *O Jornaleco*, do jornal *O Diário do Pará*. Em tom satírico, Sobral desloca a discussão do mérito literário para os códigos de aparência, classe e distinção que orientariam os critérios de ingresso na instituição:

> Caro amigo Antonio Juraci Siqueira,
> Até agora estava pasmo e porque não dizer estupidificado pela sua não eleição para a Academia. Ora, conhecedor de sua bagagem literária na qual se destaca a obra poética, estava crente que você seria o candidato ideal para suceder o poeta Alonso Rocha e o outro ex-ocupante da cadeira, o bardo Bruno de Menezes. Como disse, fiquei surpreso e mais do que isso, intrigado, com seu inesperado revés. Mas eis que, de repente e não mais que tanto, minha perplexidade se desfez e surgiu explicação cabal para sua derrota. Soube que para adentrar ao nosso silogeu é de suma importância que o postulante preencha alguns pré-requisitos: finesse, classe, elegância e charme. Daí ser totalmente inadmissível que o candidato a imortal use, por exemplo, aquelas cafonérrimas sandálias de dedo, ostente sebosa cabeleira, cultive farta barba e traje no dia a dia sovadas calças jeans e/ou esmolambados blusões bregas. Ora, ora, meu caro poeta Juraci, taí o seu retrato sem tirar nem pôr. Óbvio que você não tem nem de longe o perfil acadêmico exigido. Sonha em concorrer outra vez ao silogeu? Primeiro trate de tomar antes um banho de loja ou, caso contrário, mais uma vez nada feito (Sobral, 2011).

Juraci Siqueira (2011) devolve a provocação em versos, retomando com ironia os sinais de classe, aparência e prestígio associados à "postura acadêmica":

> Raymundo Mário Sobral,
> meu amigo e meu irmão,
> recebi o seu bilhete
> e o li com toda atenção.
> Tiro o meu chapéu de boto
> para o seu texto maroto
> mas coberto de razão.
>
> Para entrar na Academia,
> tem que ter classe e glamour.
> Nem carece escrever livros...
> Mas, atenção, por favor,
> neste provérbio de longe:
> "O hábito não faz o monge"
> nem a opalanda o escritor.

Todo artista o é na essência,
sua obra a isso concorre;
pode vestir-se de trapo
que sua essência não morre.
Seguindo este pensamento,
vista de fraque um jumento
e veja só o que ocorre!

Minha vida e minha obra
seguem saberes do povo
e a galinha poedeira
nos fornece exemplo novo:
— Pra como tal se firmar,
não basta carcarejar,
é preciso pôr o ovo.

Repito Luiz Otávio,
Trovador de sonhos plenos:
“Meus sentimentos diversos,
prendo em poemas pequenos:
quem na vida deixa versos,
parece que morre menos”.

Outro marco dessa trajetória ocorreu em 15 de agosto de 2011, quando Vicente Salles enviou uma carta a Juraci Siqueira sugerindo contato com Paulo Chaves, então secretário de Cultura do Pará, para viabilizar um espaço de reunião dos cordelistas durante a Feira Pan-Amazônica do Livro, em Belém (Poronga, 2022). Essa articulação deu origem ao Encontro de Cordelistas da Amazônia (ECA), evento anual que passou a reunir poetas, pesquisadores e leitores-ouvintes ligados à cultura do cordel.

A continuidade do ECA fortaleceu a percepção de que havia, no Pará, uma rede ativa de poetas ligados ao cordel. Nesse contexto, o cordelista Cláudio Cardoso, que já circulava pelas feiras literárias do Estado, passou a defender a criação de uma instituição capaz de congregar esses poetas. Em virtude da articulação de Cláudio surgiu a Academia Paraense de Literatura de Cordel, cuja posse dos membros ocorreu em 20 de abril de 2018, no Centro Cultural Sesc Boulevard, atual Sesc Ver-o-Peso, em Belém. (Entrevista com cordelista, 1, 2022).

A criação da APLC encontrou resistências entre alguns poetas. Antonio Juraci Siqueira, embora crítico à lógica das academias, aceitou integrar a entidade por reconhecer nela uma natureza distinta. Para ele, a imortalidade de um autor está na obra, não na chancela institucional: “o que imortaliza o ser humano é a obra. Sempre

fui averso à academia, mas a essa aí eu não tive como dizer não, tanto que estou na cadeira de número 1" (Entrevista com cordelista, 4, 2022).

Brandão e Derigond (2020) observam que, entre 1955 e o final da década de 1970, surgiram as primeiras organizações de cordelistas com estrutura corporativa, associadas à reivindicação de direitos e à profissionalização da atividade. As academias criadas após a patrimonialização do cordel, ocorrida em 2018, respondem a outro momento dessa história; nelas, a reunião dos poetas se vincula à divulgação da produção cordelista, à disputa de enquadramentos teóricos sobre o gênero e à afirmação de seu reconhecimento no campo literário.

Antonio Juraci Siqueira mantém uma atuação voltada à promoção da leitura por meio da literatura de cordel no Pará. Até 2024, conciliou essa trajetória com o trabalho como servidor público da Prefeitura de Belém, no Sistema Municipal de Bibliotecas Escolares, onde aproximou comunidades escolares da leitura literária, especialmente pelo contato com o cordel. Sua atuação nesse espaço vincula a palavra poética às práticas bibliotecárias, articulando cultura, acesso à informação e formação de leitores.

A dedicação de Siqueira à performance literária, associada à sua presença nas redes sociais on-line, tem ampliado as possibilidades de acesso, circulação e reconhecimento da literatura de cordel como expressão poética brasileira. O contato com novas gerações compõe a continuidade da tradição cordelista no Pará, que se refaz em situações de leitura, escuta, apresentação pública e compartilhamento digital. A atuação do poeta aproxima crianças, jovens e adultos de uma literatura produzida a partir do Norte, marcada por histórias, memórias, paisagens locais e modos de vida que encontram no cordel uma forma de permanência e recriação.

4 ACONTECÊNCIAS AMAZÔNICAS NA OBRA DE JURACI SIQUEIRA

Ao explorar os espaços públicos de Belém na companhia de outros poetas "marginais", Juraci Siqueira captura a conflituosa experiência urbana da cidade, onde o antigo e o moderno colidem nas peculiaridades da paisagem amazônica. Sempre sensível e atento aos eventos cotidianos, o poeta está preparado para usar sua voz em prol das causas do povo. Em entrevista, Juraci afirmou: "Cordel só é aquele que encarna a voz do povo, sem isso não é cordel" (Entrevista com cordelista, 4, 2022).

Siqueira integra a Malta de Poetas Folhas & Ervas, uma confraria de entusiastas da palavra que, como descreve Possas (2015), se dedica a performances, cursos, apresentações musicais e teatrais, declamações e publicações de livros. Suas manifestações ocorrem em espaços públicos variados, incluindo praças, escolas, circos, teatros, monumentos, casamentos e cemitérios. Em entrevista concedida a Possas (2015), Juraci explicitou a missão da Malta:

> A Malta participa e recria as acontecências poéticas e culturais da cidade. Reunir poetas numa praça para engravidar a lua é só uma delas, pois os encontros são preferencialmente nos espaços públicos, com o intuito de dessacralizar o poeta (tirando-o do pedestal e colocando-o no turbilhão do mundo) e, principalmente, de divulgar o poema falado, sem afetação, mas espetacular.

A fala de Juraci evidencia uma compreensão da poesia como acontecimento público, marcado pelo encontro, pela presença e pela experiência coletiva. Ao retirar o poeta do pedestal e situá-lo no movimento da praça, da rua e da convivência social, a Malta faz da mediação oral da literatura uma vivência partilhada. Nesse gesto, o cordel, frequentemente colocado em posição menor nos círculos letrados, encontra na voz e na presença do poeta uma forma de circular entre leitores e ouvintes.

Fundamentada em Zumthor (2005), Bortolin (2010) compreende a presença como materialização do corpo e da fala em relação com o espaço e com a literatura, condição que torna possível a performance. É nessa relação que a narrativa oral se realiza como estado de presença, produzido no encontro entre leitor-narrador e leitores-ouvintes. Essa presença assume diferentes configurações conforme a situação de leitura, seja solitária ou coletiva, registrada ou não.

A crítica de caráter denunciante do cordel aparece com força nos poemas de protesto de Juraci Siqueira, criados em meio a acontecimentos políticos e ambientais vividos pela população paraense. Nesses episódios, a poesia acompanha a mobilização pública e dá forma ao que circulava como indignação coletiva:

> *No governo do Sarney, houve o problema do Césio, que é altamente radioativo. Eles queriam jogar esse Césio na Serra do Cachimbo, aqui no Pará. O Camilo Viana, grande lutador da ecologia, organizou uma passeata. Eu fui também. Nesse tempo, eu era açougueiro, trabalhava no açougue, mas a minha máquina de datilografia, uma Olivetti, ficava lá em cima do freezer, e lá eu digitava as minhas coisas. Aí eu escutei pelo rádio, botei papel na máquina e criei a história 'Égua, no nosso não!'* [risos]. *Isso aí, vai jogar no cachimbo do outro! Eu peguei e tirei umas cópias e levei lá pro encontro.*

> *Rapaz, foi um auê do cão, todo mundo queria. Saiu em vários jornais daqui. Quer dizer, naquela hora, eu estava encarnando o que o povo queria dizer [...]. Outra vez foi quando o príncipe Charles, o herdeiro do trono inglês, veio à Amazônia no Britannia. Ele não desembarcou em Belém, ficou* [no navio] *e ofereceu um almoço para os puxa-sacos de plantão. Aí, o povo fez protesto lá na escadinha. E eu escrevi 'A ver navios', que terminava dizendo ao soberano que nós temos sangue cabano. Olha, isso foi outra coisa incrível. Na hora, todo mundo queria cópias* (Entrevista com cordelista, 4, 2022).

O relato de Juraci Siqueira aproxima a criação poética do calor dos acontecimentos. A imagem do poeta açougueiro, datilografando versos em uma Olivetti apoiada sobre o freezer, mostra versos produzidos no intervalo do trabalho e imediatamente lançados à rua. Nos episódios narrados, o cordel nasce da escuta do rádio, da indignação coletiva e da urgência do protesto, passando a circular em cópias disputadas pelos manifestantes e repercutidas nos jornais locais. A palavra poética, nesse caso, não comenta os acontecimentos à distância; participa deles, condensando em sátira e verso aquilo que a população queria dizer.

Na entrevista, Juraci Siqueira também associa sua produção em cordel a experiências educativas voltadas ao meio ambiente. A preocupação com os manguezais, a pesca predatória, o lixo, as queimadas e outras questões do cotidiano amazônico mostra como sua poesia se aproxima de problemas concretos do território, transformando-os em matéria de escuta, alerta e formação:

> *Fui voluntário de uma ONG que trabalhava em prol da preservação do manguezal; devido a pesca predatória que existe. Estão introduzindo aqui, nos manguezais do Pará, uma técnica que trouxeram do Nordeste, que é o uso de redinha de laço. Isso aí é muito prejudicial, porque na pesca artesanal em que o pescador enfia o braço na toca do caranguejo, ele pela experiência só pega os caranguejos machos grandes. Não vai pegar filhote, nem fêmea que comercialmente não é viável. Com o laço, prende o filhote, prende a fêmea e isso é altamente prejudicial. Sobre isso, eu terminei escrevendo 'A vingança do Ataíde em favor do manguezal'. O Ataíde é um tipo de curupira do manguezal [...] e a vingança do Ataíde pra quem depreda o manguezal é estuprar. Outra é a questão do lixo, a dos incêndios e a questão do uso de baladeiras que as crianças usam pra matar passarinhos. Então, tem essas coisas, andei fazendo esse tipo de cordel educativo com temática bem regional* (Entrevista com cordelista, 4, 2022).

Juraci Siqueira também recorre ao cordel para narrar trajetórias pouco reconhecidas pela história oficial. Na entrevista, o poeta apresenta *Irmã Serafina Cinque: o anjo da Transamazônica*, folheto dedicado à biografia da religiosa. Segundo Juraci, o texto foi escrito a partir do livro *O anjo da Transamazônica*, de Irmã Marília Menezes (Entrevista com cordelista 4, 2022). Em seus versos, Siqueira (2011) retrata

o período de abertura da rodovia federal, cenário em que Serafina atuou, e os ideais políticos que moldaram a iniciativa estatal:

> Irmã Serafina chega
> no momento crucial
> da construção de uma imensa
> rodovia federal
> Uma obra faraônica
> Chamada Transamazônica
> Qual boiuna colossal!
>
> O progresso propalado
> nos ditos da Ditadura
> foi, aos poucos, se tornando
> semente de desventura.
> Comparada à bomba atômica,
> a estrada Transamazônica
> tornou-se “Transamargura”.
>
> Migrantes de toda parte
> por todo canto se via
> plantando sonho e esperança
> às margens da rodovia
> que o governo militar
> ia abrindo sem parar
> com arrogância e euforia
>
> [...]
>
> E assim Irmã Serafina
> Personagem desta crônica,
> Semente por Deus lançada
> na realidade Amazônica,
> recebe, do povo pobre,
> seu cognome mais nobre:
> Anjo da Transamazônica

Possas (2015) define Juraci Siqueira como um poeta-cartógrafo, capaz de absorver e ser absorvido pelas narrativas do mundo, personificadas em diferentes “Serafinas”. Para o autor, o cordelista transpõe as crônicas orais da rodovia para os versos de seus folhetos, elaborando biografias alternativas nas quais vozes silenciadas pelas narrativas oficiais assumem protagonismo.

Na Amazônia, marcada por tensões ambientais, econômicas e políticas, acontecimentos ligados à história do Pará e aos modos de vida da região ganham comentário e forma nos versos de poetas locais. Siqueira reelabora esses episódios, fazendo circular narrativas do Norte por meio de folhetos e performances. Nas

criações do cordelista, conflitos, memórias e experiências recebem tratamento poético em uma linguagem enraizada na cultura popular amazônica.

5 CORDEL E MEDIAÇÃO ORAL: PERFORMANCE, FOLHETO E CIBERESPAÇO

A necessidade de fazer perdurar experiências e saberes levou a humanidade à criação de dispositivos capazes de ampliar a comunicação para além da presença imediata. Gomes (2016) observa que, na interação social, a transmissão estende a ação comunicativa para além da simultaneidade e da efemeridade. Técnicas, processos e ambientes criados pelos sujeitos atuam como instâncias mediadoras, sustentando a circulação de narrativas, a construção de sentidos e a continuidade de legados que ultrapassam a existência física dos indivíduos.

Na literatura de cordel brasileira, oralidade e escrita não se apresentam como dimensões excludentes. Matos (2020), com base em Zumthor (1985), identifica nessa poética uma forma de *oralidade mista*, marcada pela coexistência entre a voz e o registro escrito. Mesmo inscrita no folheto, a palavra poética preserva ritmos, sonoridades e modos de dizer próprios da oralidade. O cordel evidencia, assim, uma relação histórica entre culturas orais e escritas, na qual a letra não substitui a voz, mas amplia suas possibilidades de circulação.

Mendes (2010) chama atenção para as transformações das mídias na circulação do cordel. Sem apagar sua raiz oral nem suas formas poéticas, essa literatura passou a circular em novos meios, adaptando-se a diferentes condições históricas de produção, leitura e difusão. A continuidade do cordel contraria previsões de desaparecimento como a de Silvio Romero (1977), que anunciou sua possível substituição pelos jornais no país. O que se observa, porém, não é a extinção do cordel, mas sua capacidade de resistir diante das mudanças tecnológicas, culturais e infocomunicacionais.

A denominação “literatura de cordel” não acompanhou desde sempre essa produção poética no Brasil. Abreu (1999) observa que o termo remete ao intercâmbio cultural entre Portugal e Brasil e à prática europeia de expor folhetos pendurados em barbantes. No contexto brasileiro, porém, essa produção circulou inicialmente sob a designação de “folhetos”. Somente na década de 1970, em decorrência dos estudos

sobre poesia popular e do diálogo entre pesquisadores e poetas, a expressão “literatura de cordel” passou a ser difundida no Brasil.

O cordel brasileiro, porém, não corresponde a uma simples continuidade do modelo português. No Brasil, essa produção assumiu uma feição poética, marcada por esquemas regulares de rima, metrificação dos versos e proximidade com os ritmos da cantoria. Maria Fonseca (2021) observa que os cordéis portugueses trazidos pelos colonos lusitanos não se apresentavam necessariamente como poesia, nem dependiam da oralidade ou de um modelo formal estável. Tratava-se, em grande parte, de folhetos compostos por narrativas ficcionais em prosa, distantes da configuração que a poesia de folhetos viria a assumir no contexto brasileiro.

Em Portugal, os folhetos associados ao chamado cordel não adquiriram o mesmo estatuto cultural e literário que essa produção assumiu no Brasil. Abreu (1999) observa que o cordel lusitano se define sobretudo pela materialidade do impresso e por suas formas de venda, configurando-se mais como iniciativa editorial do que como gênero literário. No Brasil, ao contrário, a poesia de cordel passou a ser reconhecida por sua textualidade própria, marcada por ritmo, métrica, rima e modos de circulação que não dependem de um único suporte. A semelhança entre os livretos, porém, levou parte dos estudos pioneiros a estabelecer uma relação de dependência entre a produção brasileira e a portuguesa.

Conforme observa Lemaire (2010), os discursos oficiais sobre o cordel no Brasil foram historicamente atravessados por categorias que o associavam à incultura, ao anonimato, à ausência de futuro e à dependência de matrizes europeias. Assim, a produção popular foi apresentada como expressão de uma coletividade passiva, desprovida de autoria legítima e de capacidade criadora própria, enquanto o folheto impresso foi elevado à condição de forma privilegiada de reconhecimento da manifestação. Tais representações estabilizaram uma compreensão do cordel orientada por valores letrados, eurocêntricos e excludentes, que marginalizaram os vínculos com à oralidade e a participação de mulheres, negros e indígenas.

No trabalho de Juraci Siqueira, a performance literária integra o fazer cordelista, pois a linguagem poética se realiza também na voz, no gesto e na relação com o público. Essa dimensão aproxima sua atuação da mediação oral da literatura, compreendida por Bortolin (2010) como ação planejada ou espontânea realizada por

um mediador para aproximar ouvintes e leitores dos textos literários. Essa mediação pode ocorrer pela voz ao vivo, em leituras e declamações, ou pela voz gravada, com apoio de tecnologias. Em ambos os casos, o texto literário deixa de ser apenas objeto de leitura silenciosa e passa a constituir uma experiência de escuta, presença e compartilhamento.

Na mediação literária, a oralidade favorece uma relação em que leitores e ouvintes reconhecem suas experiências, narram suas histórias e se percebem como sujeitos capazes de intervir no cotidiano. Gomes (2020), fundamentada no pensamento freiriano, compreende o protagonismo social como dimensão de um projeto humanizador, no qual os sujeitos participam da vida comunitária e da transformação do mundo social.

Os efeitos formativos da mediação oral praticada por Juraci Siqueira aparecem no relato de Jaddson Luís (Entrevista com cordelista, 8, 2022). Durante a Feira Pan-Amazônica do Livro, Juraci costumava circular pelos corredores do evento, recitando poemas e oferecendo seus folhetos diretamente aos passantes. Foi nesse contato, entre a circulação do impresso, a presença do poeta e a escuta do público, que Jaddson conheceu um folheto de Juraci, experiência que reorientou seu olhar para a poesia de cordel:

> *Só depois de muito tempo trabalhando como poeta,* [...] *foi que, em uma feira do livro que ocorreu em Belém do Pará, eu encontrei o poeta e cordelista Antonio Juraci Siqueira vendendo os folhetos de autoria dele de mão em mão. Nesse momento eu escolhi um livro dele para comprar, era "O menino que ouvia estrelas e se sonhava canoeiro". Já na primeira estrofe, eu meio que fui arrebatado [...]. Só naquele momento eu consegui despertar um pouco mais o meu olhar e a minha literatura para a poesia de cordel. Foi quando eu comecei a desenvolver alguns trabalhos nessa linha tentando seguir um pouco a perspectiva com a qual o Juraci Siqueira trabalha. Porque aquele folheto dele é muito bem escrito, tem uma simplicidade na forma de abordar o tema, mas ao mesmo tempo uma beleza que faz muito bem, uma métrica e uma rima que cria um ritmo muito bom para leitura que aí quando a gente percebe a gente já terminou de ler de tão bom que é.*

O relato de Jaddson mostra que a mediação oral não se limita ao momento da declamação. Ela também se realiza no gesto de entregar o folheto, na conversa breve, na leitura iniciada a partir do encontro e nos efeitos que essa aproximação produz na trajetória de outros sujeitos. A força da performance poética de Juraci Siqueira também aparece no relato de Carvalho (2015, p. 125), ao rememorar uma

apresentação em que o poeta encenou o universo mítico do Boto. A autora descreve a mudança corporal do intérprete, a concentração da cena e o modo como sua presença alterou a percepção do público:

> De repente, ele levanta do sofá com uma visível mudança fisionômica, a cabeça baixa, o rosto sombreado pelo chapéu, caminha para o centro do palco com uma seriedade, uma concentração, espécie de transmutação. “Parece que há uma intervenção sobrenatural”, foi o que pensei quando iniciou a performance do poema *Eu, o Boto* naquele momento. [...] Neste momento, me asseguro que nenhum meio audiovisual consegue transmitir para o ouvinte essa corporeidade emanada no momento de uma performance, pois ele estava ali, na minha frente, transmutado por uma forma-força que invadia meus sentidos.

A experiência descrita por Carvalho pode ser lida à luz da noção de *performance* em Zumthor (2018, p. 39), para quem a situação performática envolve uma operação cognitiva “fantasmagórica”. A performance modifica simultaneamente intérprete e espectador, enquanto o espaço da ação passa a funcionar como cenário de uma experiência sensível. No caso de Juraci, o corpo, a voz, o gesto e o mito instauram uma espacialidade outra, na qual o poema deixa de ser apenas enunciado e passa a acontecer diante do público. A “fenda” de que fala o teórico ajuda a compreender essa suspensão parcial do ambiente ordinário, quando a presença do intérprete introduz o ouvinte em outra dimensão pela via do texto poético.

A descrição de Carvalho aproxima a performance de Juraci Siqueira das discussões de Pereira, Bortolin e Santos Neto (2022) sobre a mediação oral como prática de preservação da memória e resistência cultural. No estudo dedicado ao contador de causos Rolando Boldrin, os autores mostram que a performance literária se constrói na relação entre voz, corpo, espaço e presença, criando condições para envolver o público e ativar seu imaginário. A mediação oral da literatura, depende do modo como o narrador conduz a escuta, improvisa, sustenta a coesão da narrativa e trabalha gestos, entonações e pausas. Esses recursos adensam o acontecimento narrativo e aproximam o ouvinte do universo literário que se apresenta diante dele.

A discussão ganha outra camada em Zumthor (1993), especialmente na noção de *voz poética*. Para o autor, a voz presente na poesia exerce uma função de coesão na comunidade que a produz e a recebe. Ela não pertence exclusivamente ao poeta, pois se forma no encontro entre quem diz, quem escuta e quem participa da

enunciação da poesia. Na performance oral, o intérprete acessa memórias sociais compartilhadas e as devolve ao público em forma de ritmo, presença e pertencimento.

Matos (2020) compreende a poesia como um teatro de signos no qual persistem marcas de sua ancestralidade oral. Essa permanência ajuda a pensar o cordel brasileiro, cuja forma impressa não rompe com a voz. Fonseca (2021) observa que o cordel hoje conhecido já nasce como poesia atravessada pela escrita e pela impressão, em diálogo com a poesia cantada por violeiros que faziam circular notícias, histórias e versos entre feiras e cidades. Nesse movimento, o folheto resulta do encontro entre repertórios orais e tecnologia impressa.

Na trajetória de Siqueira, a relação entre palavra poética, produção artesanal e circulação permanece visível na criação de seu próprio selo editorial. Na entrevista, o poeta comenta as mudanças em sua produção de folhetos, que passou da datilografia à edição digital, mantendo o controle direto sobre a preparação dos impressos: “Sempre ando com os cordéis impressos. No começo era datilografado. Hoje em dia não, é digitado! Eu gosto de fazer pela Edições Papachibé, que eu mesmo que faço. Então eu tenho a hora que eu quiser. O cliente encomenda, e eu faço” (Entrevista com cordelista, 4, 2022).

A autonomia criativa de Juraci Siqueira confronta leituras que reduzem sua obra a expressão menor ou periférica. Possas (2015) critica os rótulos atribuídos ao poeta por algumas instituições, como “poeta das ruas” e representante de uma “poesia impregnada de folclorismos”. Para o autor, essas classificações revelam a permanência de hierarquias que associam oralidade, rua e cultura popular a formas subalternas de criação. A trajetória de Juraci, ao contrário, afirma uma poética da voz viva, inscrita no debate acadêmico e literário sem abdicar de seus vínculos com a rua, a memória social e a tradição oral.

A relação entre voz viva, tradição oral e território também aparece no vocabulário de Juraci Siqueira. Fernandes e Soares (2019) observam, em seus cordéis, a presença de um universo rural-ribeirinho povoado por cobras grandes, botos encantados e matintas pereras. O léxico do poeta aproxima a escrita dos repertórios da oralidade, fazendo circular memórias, modos de dizer e imagens próprias das comunidades amazônicas. Essas escolhas vocabulares participam da

construção de uma experiência poética ligada ao território, às narrativas míticas e às formas locais de interpretar o mundo.

Esse caráter formativo ajuda a compreender a presença do cordel no cotidiano escolar. Em sala de aula, essa poética aproxima diferentes áreas do conhecimento, contribui para a formação de leitores e insere repertórios culturais populares nos processos educativos. Lima, Sousa e Germano (2011) ressaltam a atuação do cordelista como educador, cuja arte articula poesia, oralidade, memória e experiência social.

A circulação do cordel também se expande para os ambientes digitais. Gaudêncio, Albuquerque e Cortês (2023) identificam nos cibercordéis uma expressão contemporânea dessa poética, impulsionada pelas mídias sociais e por novas formas de interação entre autores e públicos. Nesses espaços, o cordel circula em textos completos, estrofes avulsas, publicações seriadas, desafios virtuais e criações colaborativas. Embora o meio digital altere as formas de produção, difusão e recepção, os autores observam a permanência de técnicas, modalidades e procedimentos criativos dos cordelistas. O cibercordel, assim, insere a tradição em outro regime de circulação, incorporando as possibilidades do ciberespaço sem abandonar os princípios formais que caracterizam o cordel.

Na trajetória de Antonio Juraci Siqueira, esse deslocamento para o digital aparece no uso de plataformas on-line para compartilhar vídeos, versos e reflexões sobre a cultura amazônica (Siqueira, 2025). A voz gravada, as declamações em vídeo e a circulação nas redes sociais ampliam o alcance de sua produção para além do Pará, aproximando leitores e ouvintes já vinculados à literatura popular e públicos que chegam ao cordel por esses ambientes. O uso das mídias digitais reorganiza as condições de presença da oralidade; a performance passa a circular em outros tempos, telas e situações de escuta. Desse modo, Siqueira participa da permanência recriada da tradição cordelista, em diálogo com novas gerações e com as possibilidades comunicacionais do ciberespaço.

A noção de oralidade mediatizada, formulada por Zumthor (1985), ajuda a compreender as transformações da cultura oral diante dos meios técnicos de comunicação. Com a mediação tecnológica, a voz já não depende apenas da presença física imediata, pois passa a circular por suportes que reorganizam suas

condições de transmissão, escuta e recepção. Assim, a oralidade mediatizada não se restringe aos meios eletrônicos; envolve também outras formas de mídia, como a imprensa, o cinema, o rádio, a televisão e, mais recentemente, os ambientes digitais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou a trajetória de Antonio Juraci Siqueira na literatura de cordel, com ênfase nas práticas de mediação oral da literatura. A pesquisa evidencia que o poeta participa da continuidade do cordel na Amazônia ao articular oralidade, performance, folheto e suportes digitais em diferentes situações de circulação da palavra poética. Ao aproximar sua obra das práticas de mediação oral, o estudo contribui para compreender o cordel como prática de transmissão cultural, memória coletiva e construção das identidades amazônicas.

A pesquisa demonstrou que Antonio Juraci Siqueira promove a circulação do cordel por meio de performances, apresentações públicas e usos de ambientes digitais. O levantamento bibliográfico e documental permitiu observar como essa poesia preserva vínculos com a oralidade sem permanecer restrita a um único modo de realização, adaptando-se a diferentes condições socioculturais. Os registros consultados no repositório digital Poronga evidenciam a relevância da obra de Siqueira para a literatura popular produzida no Norte, sobretudo pelo modo como sua atuação aproxima o cordel de leitores, ouvintes e novos espaços de circulação.

Na prática mediadora de Juraci Siqueira, a literatura de cordel se realiza como experiência performática e dialógica, sustentada pela voz, pela presença e pela relação com o público. Sua atuação desloca o cordel do domínio exclusivo do folheto impresso e o faz circular em apresentações, registros audiovisuais e ambientes digitais. A performance do poeta aproxima literatura e cultura amazônica, preservando saberes, narrativas e modos de dizer que permanecem vivos na escuta, na memória e na circulação social da poesia.

A questão central da pesquisa buscou compreender de que maneira Antonio Juraci Siqueira incorpora a literatura de cordel em suas práticas de mediação oral. A análise mostrou que sua atuação se constrói pela leitura em voz alta, pela encenação, pelo diálogo com o público e pela circulação em plataformas digitais. Nesses movimentos, o cordel se realiza como palavra poética em presença, capaz de

transmitir saberes, ativar memórias e afirmar vínculos com a cultura amazônica em condições contemporâneas de produção e escuta.

Como limitação da pesquisa, reconhece-se que o recorte centrado em Antonio Juraci Siqueira não contempla a diversidade de poetas e práticas de mediação oral presentes no cordel. Estudos futuros podem ampliar esse escopo, incorporando outras vozes da Amazônia e de diferentes regiões do Brasil, de modo a comparar formas de circulação, performance, escuta e transmissão da palavra poética em distintos contextos socioculturais.

As análises realizadas apontam para a necessidade de aprofundar os estudos sobre a presença do cordel em ambientes digitais, observando como as mídias on-line modificam suas formas de circulação, recepção e mediação oral. Espera-se que este estudo contribua para ampliar a presença da literatura de cordel no debate acadêmico, reconhecendo-a como instância mediadora de textos literários. A obra e a atuação de Antonio Juraci Siqueira mostram que o cordel permanece vivo ao circular entre diferentes públicos, espaços e linguagens, sem perder seus vínculos com a oralidade, a memória social local e a cultura popular brasileira.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes), no âmbito do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia – PROCAD/Amazônia.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. Entre a oralidade e a escrita: um estudo dos folhetos de cordel nordestinos. Algarve: **Revista Elo**: estudos de literatura oral. Algarve, v.3 n.19. 1997. Disponível em: https://sapientia.ualg.pt/entities/publication/7fa8b6b1-e49d-44b9-ada9-147a244de149. Acesso em: 7 fev. 2025.

ABREU, M. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999. (Coleção Histórias de Leitura). Acesso em: 7 fev. 2025.

BESSA FREIRE, J. R. **Da Língua Geral ao português**: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia. 2003. 238 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

BICALHO, L. M.; OLIVEIRA, M. de. A teoria e a prática da interdisciplinaridade em Ciência da Informação. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v.

16, n. 3, p. 47–74, 2011. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22447. Acesso em: 6 abr. 2025.

BORTOLIN, S. **Mediação oral da literatura:** a voz dos bibliotecários lendo ou narrando. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Campus Marília), Marília, 2010. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/527fa6d4-070b-4038-90f2-06398d107df1. Acesso em: 7 fev. 2025.

BORTOLIN, S.; ALMEIDA JUNIOR, O. F. de. Mediação oral literária: algumas palavras. *In*: VALENTIM, Marta (org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Editora da Unesp, 2010. Cap. 4. p. 85-103. Disponível em: https://books.scielo.org/id/j4gkh/pdf/valentim-9788579831171-05.pdf. Acesso em: 16 abr. 2025.

BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos. Mediação oral da informação e da leitura: no sofá da sala com três Paulos. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 9, n. 1, p. 259-278, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/967. Acesso em: 7 fev. 2025.

BRANDÃO, H.; DERIGOND, S. A institucionalização do cordel brasileiro: estudo sobre os processos de patrimonialização, academização e normalização do cordel contemporâneo (1988-2018). *In*: MELO, Rosilene Alves de (org.). **Literatura de cordel**: conceitos, pesquisas, abordagens. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

CARDOSO, A. L. M. de S.; MIGUEL, M. C. O cordel na produção científica recente da ciência da informação: a base de dados Brapci, uma análise e aplicação bibliométrica. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 10, n. 2, p. 21–47, 2021. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/43907. Acesso em: 7 fev. 2025.

CARVALHO, I. C. **Literatura e Educação na Amazônia**: imaginário poético em Antonio Juraci Siqueira. 2015. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2015. Disponível em: https://ccse.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/dissertacoes/09/ivone_caldas_carvalho.pdf. Acesso em: 7 fev. 2025.

CAVIGNAC, J. **A literatura de cordel no Nordeste do Brasil**: da história escrita à narrativa oral. Natal: Ed. UFRN, 2006.

ENTREVISTA COM CORDELISTA 1. Entrevistado: Francisco Mendes. Entrevistador: Fabrício Alves da Silva. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos (FCRB), 7 fev. 2022. **Podcast**. Disponível em: https://porongacordel.omeka.net/podcast. Acesso em: 7 fev. 2025.

ENTREVISTA COM CORDELISTA 4. Entrevistado: Antonio Juraci Siqueira. Entrevistador: Fabrício Alves da Silva. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação

em Memória e Acervos (FCRB), 10 fev. 2022. **Podcast**. Disponível em: https://porongacordel.omeka.net/podcast. Acesso em: 7 fev. 2025.

ENTREVISTA COM CORDELISTA 8. Entrevistado: Jaddson Luiz. Entrevistador: Fabrício Alves da Silva. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos (FCRB), 9 abr. 2022. **Podcast**. Disponível em: https://porongacordel.omeka.net/podcast. Acesso em: 7 fev. 2025.

FERNANDES, F.C. B.; SOARES, E. P. M. Vocabulário do escritor Antônio Juraci Siqueira. **RELACult**: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, Foz do Iguaçu, v. 5, n. 2, 2019. Disponível em: https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1492. Acesso em: 7 fev. 2025.

FONSECA, A. L. S. B.; CRUZ, V. N. da. A política de línguas de Pombal no Estado do Grão Pará e Maranhão 1757 - 1773. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL "EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE", 14., 2020, São Cristóvão. **Anais [...].** São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2020. p. 1-14. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13788/3/2. Acesso em: 7 fev. 2025.

FONSECA, M. G. C. Cordel brasileiro: materialidades da voz e do corpo em performance. **Animus***:* Revista Interamericana de Comunicação Midiática, Santa Maria, v. 20, n. 42, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/43932. Acesso em: 7 fev. 2025.

GAUDÊNCIO, S. M.; ALBUQUERQUE, M. E. B. C. de; CÔRTES, G. R. Papel do cibercordel para circulação da informação em mídias sociais. **InCID**: Revista de Ciência da Informação e Documentação, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 90-112, 2023. Disponível em: https://revistas.usp.br/incid/pt_BR/article/view/201697. Acesso em: 7 fev. 2025.

GOMES, H. F. Comunicação e informação: relações dúbias, complexas e intrínsecas. *In*: MORIGI, Valdir; JACKS, Nilda; GOLIN, Cida (org.). **Epistemologias, comunicação e informação**. Porto Alegre: Sulina, 2016. Cap. 5. p. 91-107.

GOMES, H. F. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1–23, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/57047. Acesso em: 7 fev. 2025.

LEMAIRE, R. Pensar o suporte - resgatar o patrimônio. *In*: MENDES, Simone (org.). **Cordel nas gerais**: oralidade, mídia e produção de sentido. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

LIMA, J. M.; SOUZA, J. M.; GERMANO, M. G. A literatura de cordel como veículo de popularização da ciência: uma intervenção no ensino de Física. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE EDUÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 8, Campinas-SP, 2011.

Anais [...]. Campinas-SP: Abrapec, 2011. Disponível em: https://abre.ai/rrQ8. Acesso em: 7 fev. 2025.

LUCENA, B. P. de. **Espaços em disputa**: o cordel e o campo literário brasileiro. 2010, 88 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/8515. Acesso em: 7 fev. 2025.

MATOS, E. Antônio Aleixo e Antônio Vieira: diálogos imaginados ou Boca e Papel: espaços de fricção da palavra poética. **Boitatá**, Londrina, v. 15, n. 30, p. 09–33, 2020. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/42461. Acesso em: 7 fev. 2025.

MENDES, S. A evolução dos suportes na literatura de cordel: um estudo do cordel panfletário. *In*: MENDES, Simone (org.). **Cordel nas gerais**: oralidade, mídia e produção de sentido. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

MENEZES NETO, G. M. de. A exclusão do cordel do cânone literário paraense: uma discussão sobre literatura de cordel, cultura popular e folclore. **Revista Estudos Amazônicos,** v. 7, n. 1, p. 198-236, 2012. Disponível em: https://abre.ai/rrRb. Acesso em: 7 fev. 2025.

PAES LOUREIRO, J. de J. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Manaus: Valer, 2015.

PEREIRA, A. P.; BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos. A performance literária do contador de causos brasileiro Rolando Boldrin. **RDBCI**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 20, n. 2022, p. 1-20, 11 jan. 2022. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8671176. Acesso em: 7 fev. 2025.

PORTELLA, C. Seu dotô me dê licença: Patativa do Assaré. *In*: ASSARÉ, P. do. **Melhores poemas**. São Paulo: Global, 2006.

POSSAS, H. de M. **O jogral é jornal**: devorações nas acontecências de Antonio Juraci Siqueira. 2015. 122 f. Tese (Doutorado) – Doutorado em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/4698?mode=full. Acesso em: 7 fev. 2025.

ROMERO, S. **Estudos sobre a poesia popular do Brasil**. Petrópolis: Vozes; Aracaju: Secretaria da Educação e da Cultura,1977.

SALLES, V. Guajarina: folheteria de Francisco Lopes, **Revista Brasileira de Cultura**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 09, p. 87-102, 1971. Disponível em: https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=140074&Pesq=Guajarina&pagfis=1558. Acesso em: 7 fev. 2025.

SALLES, V. **Repente e cordel**: literatura popular em versos na Amazônia. Rio de Janeiro: Funarte, 1985.

SANTOS NETO, J. A. dos S. **O estado da arte da mediação da informação**: uma análise histórica da constituição e desenvolvimento dos conceitos. 2019. 461 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2019. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/items/c44c0313-6750-4148-a142-a8dc7682b532. Acesso em: 20 fev. 2024.

SILVA, F. A.; FIGUEIREDO, A. M. **Cultura e literatura popular em verso no acervo digital de cordéis da Fundação Casa de Rui Barbosa**, João Pessoa, v.18, n. 4, p. 1-12, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/65388. Acesso em: 17 abr. 2025.

SILVA, R. S. D. da. Cordel, enquanto gênero do discurso. **Revista Acadêmica Novo Milênio**, Vila Velha, v. 4, n. 6, p. 1-5, jun. 2022. Disponível em: https://novomilenio.br/revista-academica-novo-milenio/. Acesso em: 7 fev. 2025.

SIQUEIRA, A. J. **Descom/Postura Acadêmica**. Belém: Edições Papachibé, 2011.

SIQUEIRA, A. J. **O chapéu do Boto e o Bicho folharal**. Belém: Paka-Tatu, 2012.

SIQUEIRA, A. J. **Paytuna**. Belém: Edições Papachibé, 2019.

SIQUEIRA, A. J. **Perfil de Antonio Juraci Siqueira**. Belém, fev. 2025. Instagram: @antoniojuracisiqueira. Disponível em: https://www.instagram.com/antoniojuracisiqueira/. Acesso em: 7 fev. 2025.

SOBRAL, R. M. Breve bilhete ao Poeta. *In*: SIQUEIRA, A. J. **Descom/Postura Acadêmica**. Belém: Edições Papachibé, 2011.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz**: a “literatura” medieval. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Ubu, 2018.

ZUMTHOR, P. Permanencia de la voz. **El Correo**, Paris, v. 38, n. 8, p. 4-8, ago. 1985. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000065514. Acesso em: 7 fev. 2025.

Copyright (c) Este trabalho autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho licenciado sob a licença Creative Commons Attribuição 4.0 International, que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria. Os artigos são de acesso aberto e uso gratuito.